

Terminada a cirurgia, Ezra Benhaim, nosso diretor, veio à minha sala. É um senhor atento e vivo, mesmo tendo passado dos sessenta e apesar da barriga nascente.

No hospital, apelidam-no de sargento, por causa de seus modos de caporal, agravados por um humor em geral impróprio ou um tantinho atrasado. Mas nas horas difíceis é o primeiro a arregaçar as mangas e o último a abandonar o campo.

Antes de eu me naturalizar israelense, ainda um jovem cirurgião, voltendo céus e terras para conseguir meu posto, ele já estava ali. Embora fosse à época um modesto chefe de serviço, usava do pouco de influência que lhe conferia o cargo para manter à distância meus detratores. Era difícil para um filho de beduíno juntar-se à confraria da elite universitária sem provocar uma reação de desgosto. Meus colegas eram todos uns judeuzinhos afortunados, a pulseira de ouro pen-

durada no pulso e o conversível na garagem. Olhavam-me do alto e recebiam cada um de meus feitos como uma ameaça à sua posição. Assim, quando um deles me tirava do sério, Ezra não queria saber quem tinha começado; punha-se sistematicamente do meu lado.

Empurra a porta sem bater, me olha de esguelha, uma ponta de sorriso no canto dos lábios. É sua maneira de demonstrar satisfação. Depois, como girei minha poltrona para vê-lo de frente, ele tira os óculos, limpa-os com o avental e diz:

— Parece que você desceu ao limbo para ressuscitar o paciente.

— Ora, sem exageros.

Põe de novo os óculos no nariz de narinas ingratas, meneia a cabeça e, depois de uma breve reflexão, seu olhar retoma a austeridade de hábito.

— Vai ao clube esta noite?

— Não dá, minha mulher volta hoje.

— E minha desforra?

— Qual? Você não ganhou nem uma partida...

— Não está sendo leal, Amin. Sempre aproveita meus maus passes para marcar pontos em cima de mim. Hoje, que me sinto em forma, você cai fora!

Jogo-me contra o encosto de minha poltrona para vê-lo melhor.

— Quer que eu lhe diga uma coisa, meu pobre Ezra? Você não tem mais o pique de antigamente e eu não quero me aproveitar da situação.

— Não me enterre antes da hora. Vou conseguir derrubar você de uma vez por todas.

— Não precisa da raquete pra isso. Um simples pontapé bastaria.

Ele promete pensar no assunto, leva o dedo à têmpora numa saudação desenvolta e sai pelo corredor dando bronca nas enfermeiras.

Sozinho, tento refletir onde estava antes da intromissão de Ezra e lembro que ia telefonar para minha mulher. Pego o aparelho, disco o número de casa e desligo depois de sete toques. Meu relógio marca 13h12. Se Sihem pegou o ônibus das 9 horas, já deveria ter chegado há um bom tempo.

— Não fique inquieto! — surpreende-me a doutora Kim Yehuda invadindo meu canto.

E logo acrescenta:

— Eu bati antes de entrar. Você é que estava nas nuvens...

— Ah, desculpe, não vi você chegando.

Ela afasta minhas desculpas com uma mão altiva, vigia o movimento das minhas sobranceiras e inquire:

— Estava ligando para casa?

— Não dá para esconder nada de você.

— E, claro, Sihem ainda não chegou...

Sua perspicácia me irrita, mas aprendi a lidar com ela. Conheço Kim desde a universidade. Não éramos do mesmo ano — eu estava três turmas à sua frente —, mas simpatizamos um com o outro desde os primeiros encontros. Era bonita e espontânea e não relutava em pedir ajuda a um árabe, quando os outros estudantes davam nós na língua antes de fazê-lo, mesmo o tal árabe sendo um brilhante e belo rapaz. Kim tinha o riso fácil e o coração generoso. Nossos flertes eram perturbadores de tanta ingenuidade. Sofri um bocado quando um jovem deus russo, recém-chegado de seu *komsomol*, veio roubá-la de mim. Bom jogador,

não contestei. Depois, eu me casei com Sihem e o russo voltou para casa sem aviso prévio, assim que o império soviético foi desmembrado. Tornamo-nos excelentes amigos, Kim e eu, e nossa estreita colaboração teceu em torno de nós um halo de formidável cumplicidade.

— Hoje é a volta das férias — avisa-me. — As estradas estão lotadas. Tentou na casa da avó?

— Eles não têm telefone na fazenda.

— Ligue pro celular.

— Deixou em casa, de novo.

Ela abre os braços em sinal de fatalidade:

— Sem sorte.

— Pra quem?

Ela alteia a magnífica sobancelha, e, com o dedo apontado para mim, me põe em guarda.

— O drama de certos bem-intencionados é que não assumem com coragem seus compromissos nem dão continuidade a suas idéias.

— É a hora então dos bravos — digo, levantando-me. — A cirurgia foi exaustiva e precisamos recuperar as forças...

Tomando-a pelo braço, empurro-a em direção ao corredor.

— Você na frente, beleza. Quero ver as maravilhas que leva atrás de você.

— Teria coragem de repetir isso na frente de Sihem?

— Só um tolo não muda de idéia.

A risada de Kim rutila pelo corredor como faria o brilho de uma guirlanda no meio de um asilo.

Ilan Ros encontra-nos no refeitório quando acabamos de almoçar. A bandeja repleta, instala-se à minha direita de modo a ter Kim a sua frente. O avental aberto na barriga pantagruélica e as bochechas escarlates, ingurgita primeiro três fatias de carne fria antes de limpar a boca num guardanapo de papel.

— Continua a procurar uma casa na praia? — pergunta-me num marulho voraz.

— Depende de onde.

— Acho que encontrei algo para você. Não muito longe de Ashqelon. Uma casa simpática com tudo de que se precisa para se desconectar do mundo.

Minha mulher e eu procuramos uma casinha à beira-mar já há um ano. Sihem adora o mar. A cada quinze dias, quando minhas folgas de fim de semana o permitem, pegamos o carro e corremos para a praia. Depois de caminhar horas pela areia, alcançamos uma duna e contemplamos o horizonte até tarde da noite. O pôr-do-sol sempre exerceu sobre Sihem um fascínio que nunca consegui entender inteiramente.

— Acha que dá pro meu bolso? — pergunto.

Ilan Ros solta uma risada curta que faz tremelicar como uma gelatina seu pescoço carmesim.

— Pelo tempo que você não enfia essa mão no bolso, Amin, acho que tem de sobra para se presentear com a metade dos seus sonhos...

Súbito, uma terrível explosão faz vibrar as paredes e tilintar as vidraças do refeitório. Todos se olham, perplexos; depois, aqueles que estão mais perto das janelas levantam-se para olhar para fora. Kim e eu corremos à janela mais próxima. No pátio do hospital, os que ali estavam, cuidando de suas coisas, man-

têm-se imóveis, a cabeça voltada para o norte. A fachada do prédio da frente não nos deixa ver mais longe.

— Deve ser um atentado — diz alguém.

Kim e eu precipitamo-nos ao corredor. Já um batalhão de enfermeiras sobe do subsolo correndo em direção ao hall. A julgar pela importância da onda de choque, o lugar da explosão não deve estar muito longe. Um segurança aciona seu rádio para inteirar-se da situação. Seu interlocutor declara que não sabe muito mais que ele. Tomamos de assalto o elevador. Uma vez no último andar, corremos ao terraço que cobre a ala sul do edifício. Alguns curiosos já estão ali, a mão em concha sobre os olhos escrutando o horizonte. Olham para uma nuvem de fumaça que emerge a uma dezena de quarteirões do hospital.

— Vem do lado de Haqiryra — relata um vigia em seu posto. — Uma bomba ou então um kamikaze. Ou talvez um ônibus emboscado. Estou sem informação. Tudo o que consigo ver é a fumaça que escapa do local alvejado...

— Melhor descer — diz-me Kim.

— Tem razão. Precisamos nos preparar para receber as primeiras vítimas.

Dez minutos depois, nacos de notícias daqui e dali dão conta de uma verdadeira carnificina. Uns dizem que um ônibus foi atingido, outros que um restaurante saltou pelos ares. O sinal de alarme ameaça explodir. É o alerta vermelho.

Ezra Benhaïm decretou o acionamento da tecla de crise.

As enfermeiras e os médicos correm ao setor de urgências onde carrinhos e macas estão dispostos num

carrossel frenético, mas ordenado. Não é a primeira vez que um atentado sacode Tel-Aviv, e os socorros são prestados na medida da necessidade com uma eficácia cada vez maior. Mas um atentado continua a ser um atentado. Com o tempo, pode-se aprender a gerenciá-lo com técnica, mas não com humanidade.

Comoção e medo não rimam com sangue-frio. Quando bate o horror, é o coração sempre o primeiro a ser atingido.

Vou, por minha vez, às urgências. Ezra está a postos, o rosto pálido, o celular grudado na orelha. Com a mão, tenta dirigir os preparativos operacionais.

— Um kamikaze explodiu em um restaurante. Vários mortos e muitos feridos — anuncia. — Evacuem as salas 3 e 4. E preparem-se para receber as primeiras vítimas. As ambulâncias estão a caminho.

Kim, que fora a seu consultório telefonar, me alcança na sala 5. É para lá que serão levados os feridos mais graves. Às vezes, quando o bloco cirúrgico não basta, fazemos as amputações ali mesmo. Com mais quatro cirurgiões, verificamos os equipamentos de intervenção.

Enfermeiras azafamam-se em volta das mesas de cirurgia, levas e precisas.

— Há pelo menos onze mortos — comunica-me Kim, procedendo à ligação dos aparelhos.

Lá fora as sirenes uivam. As primeiras ambulâncias invadem o pátio do hospital. Deixo Kim ocupar-se dos aparelhos e vou ao encontro de Ezra no hall. Os gritos dos feridos ressoam pelo saguão. Uma mulher quase nua, tão grande quanto seu medo, contorce-se em uma maca. Os enfermeiros têm dificuldade

em mantê-la quieta. Passa diante de mim, os cabelos eriçados e os olhos fora de órbita. Imediatamente depois, chega o corpo ensangüentado de um menino. Tem o rosto e os braços negros como se saísse de uma mina de carvão. Tomo seu carrinho e conduzo-o de lado para liberar a passagem. Uma enfermeira vem me ajudar.

— Sua mão foi arrancada — ela grita.

— Não é hora de fraquejar — recomendo-lhe. — Ponha-lhe um garrote e conduza-o ao centro cirúrgico imediatamente. Não há um minuto a perder.

— Certo, doutor.

— Tem certeza que está tudo bem?

— Não se preocupe comigo, doutor. Eu me viro.

No espaço de quinze minutos, a sala das urgências transforma-se em campo de batalha. Não menos que uma centena de feridos ali se amontoa, a maioria jogada pelo chão. As macas estão repletas de corpos estraçalhados, crivados de estilhaços, alguns horrivelmente queimados. Choros e soluços atravessam o hospital. De tempos em tempos um grito domina a balbúrdia, anunciando o falecimento de uma vítima. Um paciente me escapa entre as mãos, sem me deixar tempo de examiná-lo. Kim me anuncia que o bloco está saturado e que será preciso orientar os casos graves à sala 5. Um ferido exige que nos ocupemos dele imediatamente. Tem as costas esfoladas de uma ponta à outra e um pedaço da omoplata para fora. Não vendo ninguém socorrê-lo, agarra uma enfermeira pelos cabelos. É preciso três decididos soldados para fazê-lo largar sua presa. Um pouco mais longe, imprensado entre duas macas, um ferido urra, debaten-

do-se como o diabo. Termina caindo da maca de tanto agitar-se. O corpo retalhado, põe-se a dar socos no vazio. A enfermeira que está a seu lado parece perder o controle. Os olhos dela iluminam-se quando me vê.

— Rápido, rápido, doutor Amin...

Súbito, o ferido cai em torpor; os estertores, as convulsões, as patadas, seu corpo inteiro imobilizam-se e seus braços vergam sobre o peito, como os de uma marionete a quem se tivesse acabado de cortar os cordões. Em uma fração de segundo, sua fisionomia congestionada desfaz-se da dor e cede lugar a uma expressão demente, feita de um ódio frio e de desgosto. Quando me debruço sobre ele, ameaça-me com o olhar e retorce os lábios numa careta de ultraje.

— Não quero que um árabe toque em mim — repele-me com a mão raivosa. — Prefiro morrer.

Tomo-o pelo pulso e torço firmemente seu braço contra o flanco.

— Segure-o bem — digo à enfermeira. — Vou examiná-lo.

— Não me toque — insurge-se o ferido. — Não ponha suas mãos em mim.

Cospe-me. Sem força, sua saliva cai sobre o queixo, trêmula e elástica, enquanto lágrimas furiosas inundam suas pálpebras. Tiro-lhe o casaco. Seu ventre não é mais que uma pasta esponjosa que cada esforço comprime. Perdeu muito sangue e seus berros só fazem aumentar a hemorragia.

— É preciso operá-lo imediatamente.

Faço sinal a um enfermeiro para que me ajude a recolocar o ferido na maca e depois, afastando os leitos que nos barram o caminho, corro para o bloco

cirúrgico. O ferido me encara raivosamente, com os olhos prestes a saltar da órbita. Tenta protestar, mas suas contorções esgotaram-no. Aterrorizado, vira a cabeça de lado, de modo a não me ver mais à sua frente, e abandona-se ao torpor que vai se apoderando dele.